

**PERSONA**

com Antônio Ribeiro de Almeida Júnior



**Antônio Ribeiro de Almeida Júnior**  
antoni@esalq.usp.br

# Uma luta contra os trotes universitários

Professor Antônio Ribeiro de Almeida Júnior fala sobre embate contra a violência cometida com calouros na Esalq.

Antônio Ribeiro de Almeida Júnior, presidente do CPE, o então deputado Adelson Diego (PT).  
A degradação humana de parte dos acadêmicos, no entanto, não é separada ao início do ano letivo, é o que ficou compreendido com a atuação de um cartaz no Centro de Vivência da Esalq no mês de maio. O material, com conteúdo humilhante, racista e homofóbico, trazia um "ranking social" dividido em colunas e com paleteado vulgar para definir as características físicas de estudantes. A publicação despertou reações e um dia de reunião de vários segmentos e setores da sociedade, mas serviu, ao mesmo tempo, para trazer à tona os debates durante a primeira semana letiva.

**O senhor leciona na Esalq há quanto tempo?**

Estou na Esalq desde 2001, voltei como professor. Meu trabalho de pesquisa inclui o tema da relação da mídia com o ambiente. O tema do trabalho de conclusão de curso é a questão da identidade.

**O que o levou a estudar e investigar os trotes?**

Estou envolvido com pesquisa de uma forma muito ligada. Na época não tinha sido aluno da Esalq, mas quando fui aluno não tive um relacionamento muito bom com o trote. Então não conheci esse ambiente. Quando cheguei em 2001, fui recebido por um grupo de estudantes que tinha um problema sério aqui. Conheci por meio de outros se comprometem e aí, já como sociólogo, senti-me posicionado sobre isso, pois é um assunto muito relevante dentro da mídia. Para isso, comecei a escrever sobre o assunto. Comecei a escrever para conversar e preparar sobre o trote e fui percebendo que era muito mais complexo, mais grave do que aquilo que eu imaginava. Então um colega que tinha feito uma pesquisa pesada me pediu aos alunos que descobriam três práticas que eles consideravam humilhantes e três que consideravam violentas. Ele conversou entre 2006 e 2007.

adante, eu comecei a ler e ficou claro que aquilo que é humilhante para um é violento para o outro.

**Quando resolveu se aprofundar no assunto?**

Conforme eu fui entrevistado, comecei a achar que aquilo me chamava de fato como pesquisa. Eu tinha achado que isso era um tipo de pesquisa para entrar na universidade e um tipo de passagem para entrar no grupo do trote. Eu entrevistei mais de 300 alunos da Esalq durante todos esses anos, mas não sei se em um ano quando só da Esalq ou também de outras escolas, mas depois foi convidado para ir em várias escolas (universidades) e os relatos eram muito semelhantes. As vezes o nome da prática era diferente, mas as práticas era a mesma coisa semelhante.

**Os trotes violentos ocorrem mais nas universidades públicas ou particulares?**

A questão é não as universidades que têm prestígio e, entre as que têm prestígio, aquelas que têm mais história e aquelas que ficam em cidades importantes do interior. Então, a comparação não é entre públicas e privadas, mas entre escolas que dão muito prestígio, às vezes escolas que controlam os setores ligados da economia, no caso, a importância da Esalq para alguns setores de grande circulação da USP tem um peso muito grande no contexto do prestígio. Escolas que têm esse significado é onde vai ocorrer um problema maior com o trote.

**O que leva uma pessoa a impor a outra humilhação tão grande?**

Temos pelo menos três situações, ligadas em que não há uma ligação, então não é uma relação inter-relacionada. Existem estudantes, docentes, funcionários e até dirigentes da escola envolvidos com o grupo. O trote é um procedimento de seleção para aqueles que vão entrar nesse grupo e para ser oferecido a prática ser diferente. Para que a pessoa tenha uma relevância que ela está disposta a abandonar e a dar um silêncio. Então é um grupo muito silencioso, de carterização e seleção de membros para esse grupo, que é público e, normalmente, extremamente conservador, que dizem a parte dentro da universidade.

**Que tipo de poder é disputado?**

Tudo. Verba, pontos na hierarquia da universidade, entre outros. Quando os alunos chegam à universidade, tem um tipo de posicionamento. Então, as características de personalidade de cada um. O trote trata isso e geralmente esse grupo recebe gente para ele, gente que se submete, que obedece.

**A Esalq tem quase vinte sindicatos fraternizados — uma delas agora o "ranking social" — mas a investigação é feita e pode denunciar o suficiente para que o aluno acusado não seja punido. Como o senhor vê isso?**

Nesse ano, temos um diálogo de alguns que é o CPE. A comissão recebeu muitas coisas, fomos a reunião — para não falar em universidade, então dizer que foi só reunião da universidade sobre os casos de trote — e resolveu a hierarquia dos procedimentos de identificação. Então não tem processo de resolução. A universidade não pode, do modo algum, apontar o que seja que tenha relação com o trote. Eu diria que não deveria nem usar a palavra trote, então eu acho, sempre, em termos comunicacionais, a não ser em um contexto técnico. É o que a universidade faz, e não só a USP, ela participa, ela dá direitos para quem aplica o trote, ela usa a burocracia para não punir quem aplica o trote. No caso do professor Sérgio (Sérgio Gannon Sampaio, diretor da Esalq), ele abriu uma série de sindicâncias (16), coisa que outros diretores não fizeram, embora não haja resultados. Agora, eu me lembro de entrar na presença e se sentiram livres para fazer o que eles têm entendido.

**O que impede um aluno, vítima de trote violento, de registrar um boletim de ocorrência?**

Eu acho que é medo. Muito de um grupo organizado que, profissionalmente dentro da universidade, é pouco numeroso, mas é um grupo organizado, que tem uma política de difamação coletiva contra as pessoas que se rebelam.

**O aluno que se rebela ao trote pode ter a vida acadêmica afetada?**

Podia já acontecer, mas acho que afeta, principalmente, aqueles que aplicam o trote. Esse grupo define demais, depois demais, mas não tem uma série de problemas de comprometimento na universidade. Existem relatos que algumas repúblicas impedem que alunos do primeiro ano recebam em algumas disciplinas para não sofrerem. Isso é uma medida disciplinar com os alunos novos e manter o contato com esses alunos novos. Então são práticas que nada tem de positivas para o ambiente acadêmico.

**Como o senhor vê a postura da cidade de Piracicaba sobre o que acontece dentro da Esalq?**

Eu diria que é uma postura ambígua. Em alguns momentos há manifestações que são fortemente contrárias ao trote. Porém, neste ano, temos um lançamento do CPE, na Câmara de Vereadores uma semana em que não aconteceu nada de bom. Agora, foi o outro lado, foi gente que apoiou. Então a distância que existe do Manual do Bodo, no começo do ano, tinha várias empresas da cidade apoiando. Então a situação é ambígua.

**E a postura dos professores?**

Quase todos de relata é que existem professores que exigem que os alunos se apresentem pelo apelido. Há docentes que aplicam práticas de trote. Docentes que vieram dentro de repúblicas que são historicamente envolvidas com a prática do trote. Agora, o trote está proibido na USP desde 1988.

**Nesse ano, o assunto, por conta da CPI e agora pelo "ranking social", esteve em pauta no semestre letivo. Isso ajuda?**

Sim, tem dois problemas de trote e o silêncio. Isso exige uma intervenção. A universidade é um local para o debate de ideias, então se alguém chega aqui e é silenciado, se a pessoa é silenciada a uma hierarquia rígida, como pode debater alguma coisa?

**Qual a avaliação que o senhor faz da CPI?**

Foi extremamente importante. As pessoas que trabalharam a Comissão fizeram um trabalho brilhante. Sempre criticamos a classe política de Brasil, mas, nesse caso específico, eu acho que eles fizeram um trabalho muito importante. Colocaram uma quantidade de dados inéditos. Foi produzido um relatório e, a parte que eu li, é um texto extremamente claro, bem escrito, cujo conteúdo aponta claramente para os responsáveis do Estado brasileiro para o tratamento desse questão. O trabalho da CPI foi um divisor de águas, mas não pode ser interrompido.

**A CPI entregou o papel dela. Investigou, colocou no papel e encaminhava para vários órgãos, agora o que se espera?**

Eu não vejo nada no trabalho da CPI, agora preciso de ações do Ministério Público, órgão da Polícia, dos ministérios, dos próprios deputados e da sociedade civil.

**Desde quando existe o trote?**

Desde sempre. Sempre violento. A primeira morte por trote no Brasil, que se tem registro, ocorreu em 1933, em Olinda (PE). Veio de muito longe. É uma prática de certos grupos de poder, grupos políticos extremamente conservadores, que tem uma proposta muito conservadora de universidade, em que a universidade deve produzir frutos para justificar a existência de algumas pessoas e não para produzir um debate, para produzir respostas para a sociedade.

Quando os alunos chegam à universidade, você não sabe o posicionamento ideológico, as características de personalidade de cada um

